

## O Grafismo Televisual e Sua Utilização Como Recurso Informativo no Telejornalismo<sup>1</sup>

Ana Juliana FONTES<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, SC.

### RESUMO:

Cada vez mais intenso é o uso de imagens geradas por computação gráfica nas práticas jornalísticas. No telejornalismo seu uso denomina-se Grafismo televisual e compreendem uma série de recursos gráficos que se utilizam da visualidade para informar e compor a narrativa, imbricados nos produtos do telejornal. Por isso, a partir das singularidades observadas no telejornalismo, interessa no artigo analisar as marcas específicas dessas linguagens agregadas ao grafismo televisual presentes em produtos no Jornal Nacional, seu potencial informativo e suas tipologias.

**PALAVRAS-CHAVE:** telejornalismo; grafismo televisual; recursos gráficos; imagem; jornalismo visual.

### INTRODUÇÃO

Há uma necessidade constante da reinvenção das linguagens e mecanismos expressivos utilizadas nos produtos televisivos, assim, é possível observar que produções televisivas manifestam em sua linguagem uma variedade de recursos que fomentam a visualidade no processo comunicativo e integram sua estrutura e linguagem.

Assim, ao perceber as potencialidades dos meios de massa é que o uso de recursos gráficos desperta um interesse central, pois uma vez apresentados na TV demonstram uma grande potencial de abrangência (REZENDE, 2000; MACHADO, 2003) e capacidade de estabelecer laços sociais e identificações entre seus telespectadores. Mais especificamente, verificar o funcionamento dos recursos gráficos no telejornalismo que, diariamente, introduz histórias através das informações trazidas por suas narrativas - parcelas do cotidiano à sociedade -, umas das razões pelo qual ocupa um lugar de evidência na sociedade (VIZEU, 2008).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 5 – Rádio, TV e Internet do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

<sup>2</sup> Mestre em Jornalismo pela UFSC. Pesquisa divulgação Científica, audiovisual e recursos gráficos. Integrante do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo Científico e Visualização de dados - NUPEJOC e do Grupo de Pesquisa Interinstitucional em Telejornalismo - GIPTele. E-mail: juliannafontes@gmail.com

Por **recursos gráficos** para a televisão entende-se o meio pelo qual a imagem televisiva manifesta informação que não se constitua imagens captadas pela lente das câmeras<sup>3</sup>. Em televisão, seu uso é denominado de **grafismo televisual** e compreende qualquer utilização e expressão gráfica, processo de identidade visual dos programas como um todo e incorpora todo o fluxo televisual. Trata-se de imagens animadas ou fixas (JOLY, 2012; LESTER 2005) ou imagens técnicas (MACHADO, 2011) produzidas por computação gráfica e incorporadas na linguagem telejornalística. Por isso, o trabalho visa **analisar as marcas específicas da linguagem telejornalística agregadas ao grafismo televisual** mediante suas apropriações e interseções. Por ser uma forma específica de recurso informativo utilizado dentro da linguagem do telejornal, objetiva-se **identificar essas marcas manifestas** em produtos do **Jornal Nacional**. O corpus da pesquisa **reúne 4 semanas** de edições do telejornal - coletadas em cada 2º semana dos meses de janeiro até abril de 2013 -, resultando em produtos telejornalísticos divididos entre reportagens, notas cobertas, entrevistas, *displays* entre outros elementos, que continham recursos gráficos exibidos no telejornal *Jornal Nacional* (JN) da Rede Globo de Televisão. A pesquisa desenvolve-se no âmbito empírico, partindo principalmente do método do estudo de caso ilustrativo (YIN, 2010) e articulado com técnicas da pesquisa quantitativa e qualitativa com vistas a permitir a análise aprofundada.

## **INOVAÇÃO, TECNOLOGIA E RASTROS DAS VISUALIDADES NAS PRODUÇÕES TELEVISIVAS**

A Televisão brasileira tem seu início datado de 1950, tendo em sua formação a influência de diversos fatores peculiares que influenciaram, de forma decisiva e diferenciada, sua constituição. Em sua primeira fase, teve influência direta do rádio que, nesse momento, mantinha uma grande popularidade no cenário nacional. Definida sob um viés de ser um “rádio com imagens”, a gramática televisiva desse meio estava sendo construída e conhecida a partir de novas experiências, estruturas e formatos.

As produções televisivas, nesse momento inicial, tinham ainda pouca dinamicidade, baseavam-se em apresentações ao vivo - na chamada “arte do improviso”- e tinham seus sustentáculos fundados na oralidade. Sua produção estava centrada, de certa forma, a

---

<sup>3</sup> Esta concepção desenvolvida para esta pesquisa é fruto de uma articulação particular de conceitos cunhados de forma operacional para este trabalho oriundos das artes visuais, da semiótica visual e dos fazeres produtivos do jornalismo de televisão, partindo da etimologia das palavras em estudo.

uma limitação temporal, pois a condição de transmissão direta de imagens e sons em sincronia com sua recepção por parte do telespectador ainda estava sendo estipulada.

Mais tarde, a transmissão de “forma simultânea ao tempo de ocorrência dos acontecimentos no mundo natural” puderam ser transmitidos em tempo real (DUARTE, p.55). Essa possibilidade de transmissão de imagens ao vivo e simultânea dos acontecimentos diretamente para diversos locais, ainda continua sendo um fator importante e decisivo para que os telejornais se constituam como um produto privilegiado na TV (DUARTE, 2004). A transmissão ao vivo é uma das marcas mais importantes da televisão (MACHADO, 2003; DUARTE, 2004) e guardam todo um caráter na sua constituição e projeção de imagens, não apenas no que concerne a sua realização, mas a sua representatividade.

Depois, a partir de 1959, com a chegada do videotape aliado ao maior alcance de transmissão com a implementação de satélites, em 1969, e a transmissão a cores, em 1972, houve, novamente, a possibilidade de criar um **novo condicionamento e ritmo às gravações**. Isso se refletiu diretamente **na produção das imagens**, contribuição significativa para a TV, uma vez que, permitiu ainda se criar um registro das filmagens e aprimoramento dos produtos, favorecendo ainda a criação de efetiva da programação fixa e da grade horária. Os meios técnicos, ou dispositivos tecnológicos influenciaram, então, a maneira de “se fazer e ser TV”; muito da forma de produção dos programas foram sendo intercalados e, impulsionados, por processos diferenciados, tanto a nível da produção quanto na forma de captura das imagens.

Todos esses fatores influenciaram na estrutura e na narrativa televisiva. Abriu-se então, um importante período para a TV, principalmente, por propiciar maior flexibilidade na produção, quando os recursos imagéticos do telejornal agora poderiam ser imagens gravadas e editadas, além da programação na grade começar a ser transmitida em diferentes horários e retransmitida para diversos locais no país. Com o passar do tempo também, **a visualidade** passou a ser incorporada de forma mais efetiva em suas produções ainda de forma inerte e artesanal, com objetos de cena, cartazes e quadros durante a programação - esses elementos remetiam, principalmente, à ideia de entretenimento.

A televisão começa a interessar para pesquisa, justamente, quando as tecnologias potencializam as formas de produção, de edição e de apresentação dos elementos visuais. Principalmente, quando as diversas manifestações da imagem passam a ser incorporada nas práticas televisivas, mesmo que ainda, sua característica principal seja a oralidade

(MACHADO, 2003; REZENDE, 2000). O “culto às imagens”, fruto da sociedade da imagem, condiciona a pensar que a “televisão é apenas imagem”, porém apesar de toda a capacidade expressiva e de leitura da imagem, a linguagem audiovisual não despreza o poder do verbal. É justamente aliando os códigos verbais textuais, sonoros e não verbais - elementos que compõem a linguagem televisiva - que a diferencia dos outros meios de comunicação - e que a torna, de certa forma, universal. Como um meio de comunicação eletrônico, a televisão é “multidimensional quanto a forma e multisensorial em relação aos sentidos”, por isso exerce sua distinção mediante a meios radiofônicos e impressos (REZENDE 2000, p.39-40).

Da mesma forma, a produção do telejornalismo<sup>4</sup>, além de contar aspectos da realidade, também, configura a narrativa a partir de uma combinação de palavras, sons e imagens em movimento para sua composição. Entre uma de suas manifestações, o telejornal, é estruturado por notícias, reportagens, notas cobertas, entrevistas entre outros; sua linguagem opera com os códigos do audiovisual, recorrendo a diversos recursos gráficos e visuais em suas práticas. Trata-se então, de reconhecer e compreender o aporte, as marcas e características do grafismo televisual juntamente com o intercâmbio das linguagens dessas práticas, articuladas às próprias características do telejornalismo que, por sua vez, herdaram diretamente da constituição da TV brasileira.

## **PRIMEIRAS CONFIGURAÇÕES PARA O GRAFISMO TELEVISUAL**

O conteúdo veiculado na televisão brasileira tem seus sustentáculos baseados no entretenimento e na informação. Em seu início, foi sendo constituída com base na experimentação e o imprevisto de seus produtos, tendo influência direta do rádio e, em parte, do teatro (REZENDE, 2000), diferentemente, da TV norte-americana que teve seu desenvolvimento apoiado na indústria cinematográfica (LEAL, 2009; MACHADO; 2003). No contexto da década de 50, concomitante com o surgimento da TV brasileira, acontecia na TV norte-americana<sup>5</sup> um fenômeno da “industrialização Hollywoodiana” que, entre outros fatores, contava com o forte apelo a visualidade, com a possibilidade, até então não explorada, do uso de sistemas expressivos artísticos (MACHADO, 2003, p 197-

<sup>4</sup> Considera-se o telejornalismo um gênero informativo para televisão (AROCHI, 2002; DUARTE, 2004), e o telejornal como uma de suas manifestações, um subgênero (ARONCHI DE SOUZA, 2001, MACHADO, 2003, DUARTE, 2004). Esse princípio ocorre de fato, porque nessa definição é possível compreender suas articulações, modos e funções a categorias semânticas que forma seu conjunto manifestas em suas linguagens (DUARTE, 2004).

<sup>5</sup> A identidade visual na TV norte-americana começou com o canal CBS na década de 50 (MACHADO, 2003).

198). Através da contribuição de artistas gráficos e plásticos começou um processo de inovação na criação das vinhetas dos filmes.

Nas aberturas por eles realizadas, a harmoniosa combinação de cenas filmadas, animação, tipografia e gráficos dava forma a um sistema expressivo de uma espécie que o cinema não tinha até então experimentado. Ao mesmo tempo, o modo como as imagens se convertiam em palavras, ou as palavras se convertiam em imagens, retomava a grande tradição ideogramática a que, no cinema, só Eisenstein havia feito referência antes. (MACHADO, 2003, p. 198).

Para a televisão, a instância de sua própria natureza eletrônica, favoreceu de forma importante a incorporação e o casamento dessa tendência – da arte contemporânea –, juntamente à composição da imagem e som, iniciada no cinema e potencializada a partir de 1962 com o advento da computação gráfica<sup>6</sup>.

Surge, então, o *graphics*, que representa para os meios impressos a recorrência de diversos elementos em sua diagramação que, se utilizam, em sua maioria, a linguagem não verbal, ou em conjunto com a linguagem verbal. Esse termo no artigo não se restringe apenas a sua tradução literal do inglês, que na língua portuguesa se equivale a desenho. Mas sim a toda representação dos códigos gráficos (traços e sinais gráficos), fotográficos, icônicos (em maior ou menor ordem de abstração), elementos tipográficos e, por conseguinte, a combinação deles. E, que para televisão, denominam-se *television graphics*.

O termo *graphics* compreende em televisão, um conjunto bastante amplo de recursos, no qual se incluem títulos e créditos, toda sorte de textos e gráficos necessários dentro de um determinado programa (num telejornal, por exemplo, pode-se necessitar de mapas, reconstituições, esquemas, identificações de fontes, etc.), o material promocional da rede (chamadas de outros programas para outros programas) e os spots de identidade, com o logo da empresa televisual (MACHADO, 2003, p. 200).

No Brasil, é provável que as primeiras manifestações do grafismo televisual tenha se dado a partir criação de identidade das emissoras, além das vinhetas, quadros de

---

<sup>6</sup>“Com o surgimento da computação gráfica, em 1962, graças ao desenvolvimento por Ivan Sutherland, de um completo sistema de desenho interativo por computador, um campo enorme de possibilidades gráficas se abriu para a imagem eletrônica e a televisão soube, desde o início, tirar delas o melhor partido” (MACHADO, 2003, p. 198).

interprogramação<sup>7</sup>, logomarcas e *spots* de propaganda dos patrocinadores. O pioneirismo do uso de recursos gráficos começa com a TV Tupi de São Paulo, registrando a primeira vinheta da TV brasileira, que também remetia a sua *logomarca*, “*o índio tupiniquim com antenas*”<sup>8</sup> criado por Mário Fanucchi, gerando uma identificação e representação de sua identidade, vinculada diretamente com o contexto brasileiro, no qual fazia referência à cultura indígena e o desenvolvimento tecnológico gradual sofrido pelo país.

Nessa época, a maior parte dos recursos gráficos utilizados na TV consistia em cartelas fixas de imagem e texto (geralmente dos patrocinadores) que eram filmados quadro-a-quadro, dando a ideia de movimento. Posteriormente, várias técnicas foram implementadas para a composição desses elementos gráficos, entre elas, está a animação, elemento que, ainda hoje, é utilizado de forma intensa na edição e produção do grafismo televisual.

Esse recurso foi “induzido” inicialmente pelo cinema de película, uma vez que as fotografias em movimento sugeriam a possibilidade de dar movimento a imagens anteriormente fixas. Desse ponto em diante, a base do processo de dar movimento às imagens - produzidas através de uma sequência autônoma orientadas por uma narrativa se manteve, porém intermediados com o surgimento de outros meios e procedimentos. Após o aparecimento de novas tecnologias - que favoreceram o início da computação gráfica, em meados de 1950-, possibilitaram novas tentativas para a criação de sequências animadas, agora realizadas por computadores. Contudo, a utilização desses procedimentos só se deu com maior intensidade em 1960 com o advento da estrutura de dados e softwares específicos, que permitiram efetivamente a criação, a manipulação e a animação de imagens por computação gráfica.

Essas imagens são consideradas como **imagens técnicas**, conforme aborda Machado (2012), por tratar-se daquelas que não são geradas pela lente da câmera filmadora e, sim, processadas por computadores, recorrendo a certo “realismo fotográfico”<sup>9</sup>:

---

<sup>7</sup>Os quadros de interprogramação eram cartões estáticos que tinham traços inspirados em desenhos do Walt Disney e no desenhista brasileiro Luiz Sá, que ficavam no ar entre um programa e outro, permitindo assim o tempo para a equipe preparar a próxima atração da programação.

<sup>8</sup>A logomarca da TV Tupi passou por diversas modificações. A primeira logomarca remetia a utilizada também na PRG-2 Rádio Tupi São Paulo, uma forma intencional de alusão a sua grande audiência, seriedade e repercussão, objetivando criar uma repercussão dessa estratégia também na Televisão.

<sup>9</sup> É importante deixar claro que tanto na compreensão do autor como na pesquisa, não se trata de um realismo em sua concepção plena, pois “a partir do computador, o realismo praticado na era da informática é um realismo essencialmente **conceitual**, elaborado com base em modelos matemáticos e não em dados físicos **arrancados da realidade visível**” (MACHADO, 2012, p. 210 [grifos do autor]).

A intervenção do computador compreende, portanto certa margem de ambiguidade: o fato de ele dispensar inteiramente a mediação da câmera para a enunciação da imagem, de um lado, e as imensas possibilidades de manipulação e metamorfose que ele abre, por outro, relativizam bastante o seu apetite de ‘**realismo fotográfico**’. (MACHADO, 2012, p. 210, [grifos nosso]).

O autor (MACHADO, 2012) considera tais imagens como técnicas, mas problematiza o termo por compreender que toda imagem produzida pelo homem, tem certa intervenção técnica em sua produção (fora as imagens mentais). Contudo, o autor, afirma que, para fins esquemáticos, o termo **imagem técnica** se restringe àquelas cuja intervenção da técnica faz a **diferença** e é **decisiva** em sua cisão e relação com as técnicas aplicadas, anteriormente, a outras imagens, definindo-a, portanto:

Por “imagens técnicas” designamos em geral uma classe de fenômenos audiovisuais em que o adjetivo (“técnica”) de alguma forma ofusca o substantivo (“imagem”), em que o papel da máquina (ou de seja lá qual for a mediação técnica) se torna tão determinante a ponto de eclipsar ou mesmo substituir o trabalho de concepção de imagens por parte de um sujeito criador [em suas minúcias, que passam muitas vezes por processo automatizados de produção], o artista que traduz as suas imagens interiores em obras dotadas de significado numa sociedade de homens. (MACHADO, 2012, p. 203-204).

Pode-se se dizer, portanto, que o **grafismo televisual** tem como base de sua constituição as imagens técnicas e suas formas de expressão podem se manifestar em diversos códigos, podendo ser icônicos, gráficos, fotográficos, tipográficos, além de exercer funções específicas dentro de cada produto dos programas e se justificar por diferentes objetivos. Sua utilização se manifesta na criação de recursos gráficos ou representações gráficas em meios audiovisuais, e por questões de delimitação do tema, em produtos telejornalísticos.

Portanto, compartilha-se do termo **grafismo televisual** proposto por Arlindo Machado (2003) que os compreende como o *graphics* para a televisão, remetendo ao processo de identidade visual como um todo e englobam todo tipo de recursos visual utilizado que incorpora o fluxo televisual dos programas:

Em televisão denominam-se *graphics* todos os recursos visuais (design gráfico, *lettering*, logotipos), em geral dinâmicos e tridimensionais, destinados a construir a “identidade” visual da rede, do programa ou dos outros produtos anunciados, bem como também as apresentações de créditos, as chamadas e

toda sorte de elementos visuais que se sobrepõem às imagens figurativas captadas pela câmera. (MACHADO, 2003, p. 199).

Essas unidades, na pesquisa, foram identificadas como partes constituintes da narrativa de cada produto da edição do telejornal, são encontradas “dentro” de notas, reportagens, entrevistas, notícias e etc. Portanto, não foram identificados produtos puramente constituídos por elementos do grafismo televisual no corpus do trabalho, eles estão imbricados na linguagem de cada produto, pois dependem do contexto inserido, também estão atrelados à função e tipologia que exercem enquanto mensagem visual informativa, sendo classificadas, como já propostas em outras pesquisas da autora (FONTES, 2012; 2013), a partir das seguintes tipologias, resumidas na tabela abaixo:

**Tabela 01** – Proposta de tipologias para o grafismo televisual

<b>Tipologias para o Grafismo Televisual</b>	
<b>Quadros Complementares</b>	Os quadros são geralmente similares a tabelas, apresentam dados de forma concomitante e contínua. Destacam particularidades ou evidências com informações tipográficas (podendo haver elementos icônicos também), que apresentam o conteúdo quando há necessidade de complementaridade da narração em <i>off</i> , podendo ser igual ou parcialmente diferente do texto em áudio.
<b>Texto destaque</b>	São elementos tipográficos <sup>10</sup> usados ao longo da narrativa juntamente com a locução em <i>off</i> e as imagens em movimento. Tais recursos orientam o que se deseja por em evidência no material, forma complementar ou adicional ao conteúdo, melhorando a visualização ou fixação de aspectos da narrativa. Os elementos tipográficos, as cores e a grafia em negrito utilizados têm como finalidade básica chamar a atenção ou direcionar o telespectador para alguns trechos do texto da narrativa em <i>off</i> .
<b>Fotografias, pinturas e ilustrações</b>	São usadas como elemento estático dentro da estrutura da narrativa audiovisual, principalmente quando sua utilização traz informações importantes, podendo demonstrar acontecimentos que a filmagem não conseguiu capturar ou que já ocorreram.
<b>Gráficos</b>	Descrevem uma gama de resultados ou dados diferentes ao telespectador em sequência. Tem o intuito de agrupar as informações ou sintetizá-las, fazendo correspondência através de suas proporções com as informações narradas. Geralmente as variáveis dos dados, complementam ou destacam elementos da narrativa através de cores e a tipografia em destaque.
<b>Mapas</b>	Apresenta em sua maioria o elemento icônico (cartográfico) juntamente com a tipografia. Refere-se à localização geográfica, parte dela ou o contexto da mesma para situar o telespectador no espaço correspondente ao conteúdo da narrativa.
<b>Ilustrações animadas</b>	É utilizada apenas para dar destaque ao que se deseja pôr em evidência e ajudar na informação dentro de cada produto. Em alguns casos é possível serem apresentados de outra forma, ou até mesmo com imagens geradas pela câmera. Contudo, quando a imagem é apenas uma ilustração ao texto e não há uma inter-relação direta entre os seus elementos na narrativa não se constituindo efetivamente como infografias segundo o conceito adotado nessa pesquisa.

<sup>10</sup> Nesse caso, o que se entende por texto destaque não engloba o *Lettering*, tituleiras ou o gerador de caracteres (GC), que se referem ao texto utilizado durante os vídeos para identificar apresentadores, ou nomear fontes entrevistadas, ou em alguns casos referem-se a créditos de edição durante cada reportagem, notícia, entrevista e etc.

<b>Holografias</b>	As holografias são o registro da exposição de imagens com características tridimensionais de objetos, pessoas, fenômenos e acontecimentos em algum meio; os hologramas são as imagens holográficas do todo presentes no recurso. O uso desse recurso permite ao narrador atuar entre e/ou de forma muito participativa junto às informações, dando uma ideia de interação com os elementos.
<b>Infografias telejornalísticas</b>	No telejornalismo podem se diferenciar de uma animação propriamente dita, principalmente, pela manutenção da inter-relação indissociável entre texto e imagem conduzidos por uma narrativa, e ainda, pela função informativa que exercem dentro de produtos jornalísticos, uma vez que adotamos a perspectiva proposta por Teixeira (2010) que as compreende como um subproduto do gênero informativo, ou subgênero. Ela propõe que a infografia deve se dar partir da inter-relação indissociável entre o texto e imagem conduzidos por uma narrativa <sup>11</sup> .

**Fonte:** Produzido pela autora (FONTES, 2012; 2013).

## ANÁLISE DAS MARCAS DO TELEJORNALISMO PRESENTES NO GRAFISMO TELEVISUAL

A transição para as tecnologias digitais alterou as formas para o “fazer e o ser jornalístico” (VIZEU, CABRAL, 2009), relacionando-a à produção e elaboração de produtos e processos jornalísticos, uma vez que propiciou o rearranjo de suas rotinas, do quadro profissional e, entre outros, favoreceu a flexibilidade, estreitamento das barreiras físicas e temporais entre outros, novas possibilidades para a captura (filmagem, fotografia) criação e edição de imagens. Com relação à comunicação por meio da TV, essas práticas favoreceram, em especial, a exploração da edição não linear digital, a criação de imagens matematicamente construídas ou por computação gráfica.

Frutos dessas imagens, os arranjos (e/ou rearranjos) das unidades do grafismo televisual podem estabelecer dentro dos produtos do telejornal marcas em sua constituição, se inserindo num conjunto de diversas formas de expressões e particularidades em suas linguagens. No intuito de observar tais especificidades manifestas no grafismo televisual, percorreu-se a reflexão teórica iniciada até aqui, pois se entende que como parte constituinte do telejornal tais recursos incorporam parte das características marcantes do meio televisivo enquanto sua linguagem e estabelecem aspectos comuns em sua estrutura. Ou seja, um gráfico, por exemplo, possui uma estrutura padrão que permite identificá-lo como tal, porém quando utilizado no telejornalismo funde-se com a linguagem desse meio agregando suas marcas eminentes

<sup>11</sup> Para a autora a infografia se define como: “uma modalidade discursiva, ou subgênero do jornalismo informativo, na qual a presença indissociável de imagem e texto – e imagem aqui aparece em sentido amplo – em uma construção narrativa permite a compreensão de um fenômeno específico como um acontecimento jornalístico ou o funcionamento de algo complexo ou difícil de ser descrito em uma narrativa textual convencional” (TEIXEIRA, 2010, p.18).

de constituição. Nessa direção, que se identificaram algumas marcas gerais do grafismo televisual.

A maioria dos elementos dos recursos gráficos encontrados no telejornal tem como **técnica principal a animação**. Usada inicialmente no cinema a animação é uma técnica que utiliza o desenho de quadros dando-lhes movimentos próprios (PELTZER, 1991; LUCENA-JUNIOR, 2006) e principalmente tendem a sintetizar informações e dados, bem como complementam ou destacam o texto do narrador (texto da narração em *off*).

Até o momento, as pistas analisadas com o material coletado<sup>12</sup> e outros permitem pensar que os recursos gráficos ou grafismo televisual utilizados no telejornal podem ser melhor compreendidos mediante o **conjunto da narrativa como um todo**, pois é partir disso que se pode compreender a função de cada elemento em sua estrutura. Ou seja, um gráfico ou uma infografia, por exemplo, quando visualizada dentro de cada produto, seja reportagem, notícia, entrevista e etc. está dentro de um contexto informativo particular daquele produto. Por isso, é possível que influencie diretamente na ordem, forma e maneira que o conteúdo é apresentado.

Em todo caso, há uma intensidade a ser seguida e uma função estabelecida para a sua utilização no momento de exibição. Assim, na maior parte a condução da narrativa é feita **pelo texto em *off*** e pela apresentação do elemento **tipográfico (códigos verbais)** que complementa ou adiciona partes significativas do conteúdo em conjunto com o **elemento icônico, componente visual** da mensagem, que na maioria dos casos são imagens produzidas por computação gráfica<sup>13</sup>. A utilização da tipografia nos produtos analisados acompanhado da precedência do código sonoro e das imagens, o componente visual das mensagens televisivas, reflete as possibilidades expressivas da própria leitura de imagens não desprezando o poder do verbal, principalmente em produtos do telejornalismo. Na TV além da utilização do código icônico como suporte básico de sua linguagem, faz uso dos códigos verbal e sonoros (disponíveis também no rádio), “a primazia do elemento visual requer a aplicação eficiente de recursos não verbais para atrair e manter constante o nível de curiosidade do telespectador” (REZENDE, 2000, p.40).

<sup>12</sup> Não se trata aqui de propor uma regra absoluta para as manifestações do grafismo televisual, e sim referente ao corpus da pesquisa no material analisado.

<sup>13</sup> Segundo Peltzer (1991, p. 149) em televisão pode-se trabalhar graficamente ao mesmo tempo “com dispositivos, fotografias e vídeo em movimento e congelado (signos indiciários), desenhos feitos em directo ou gravados, aproveitando o seu próprio movimento (criados na realidade e depois gravados), ou criando o movimento do próprio ecrã (animação).”

Outro aspecto importante observado recorrentemente, se tratando do grafismo televisual, foi a **repetição contextual**<sup>14</sup> entre os elementos tipográficos e o texto da narração em *off*. Por acreditar tratar-se de uma forma de direcionamento para partes do seu conteúdo em sua produção, julgou-se relevante não encarar essa repetição como uma redundância e, sim, como mecanismos expressivos de destaque, atenção e manifestação de estilo dentro de uma intencionalidade na narrativa.

De outra forma, pode-se pensar também que tanto a repetição como a composição dos elementos tipográficos, juntamente com o texto em *off*, pode sugerir outra marca da utilização do grafismo, que é a tentativa de **retomada ou ênfase no conteúdo** informativo. Como a televisão é um meio de alta dispersão (MACHADO, 2003), isto é, compete com diversos afazeres diários, ela acaba recorrendo a uma estrutura reiterativa, para que o público possa sempre retomar “o fio da meada” do que estava assistindo, uma tentativa de manutenção da atenção do público.

Esse aspecto anterior parece derivar ainda da própria natureza da TV, na qual ela estabelece em seus **produtos em forma de “diálogo”** com o público, uma tentativa de atuar como um mecanismo de identificação e fidelização da audiência. Essa normatização maior, do diálogo com o público, deriva da linguagem coloquial, grande parte oriunda da oralidade do rádio, a qual promove influências tanto no telejornal como um todo quanto em aspectos em suas unidades que o constituem. Nesse caso, os recursos gráficos utilizados demonstram uma intencionalidade no que concerne a **simplificação e uniformização da linguagem**, favorecendo a “**compreensão imediata**”.

Por outro lado, o telejornalismo nutre o culto ao presente e a simultaneidade, fazendo com que suas produções estejam centradas na **fluidez e velocidade**. Tais marcas condicionam o ritmo dos produtos<sup>15</sup> e, muitas vezes, requerem a utilização de **recursos sintéticos e objetivos** para a apresentação das informações, como o próprio grafismo televisual, que cumpre esse papel na síntese informativa.

De modo geral, quando não é possível capturar pela lente da câmera *imagens* (elemento icônico) de acontecimentos para acompanhar o texto da narrativa telejornalística é necessário recorrer a elementos visuais diferenciados e a produção de imagens que podem ser geradas a partir de computação gráfica, fotografias entre outros.

<sup>14</sup>Refere-se à reprodução do texto da narração, ou parte dele, na tipografia dos produtos analisados.

<sup>15</sup> “O timing correspondente exatamente ao ritmo do telejornal. O tempo curto promove um convite para um rápido passeio pelo Brasil e pelo mundo mediante ao processo de hierarquização dos acontecimentos” (BECKER, 2010, p.: 83)

O código sonoro, sonoridade relativa à **musicalidade, os efeitos de som e a tonalidade na narração** seriam recursos agregado a esse produto, que não havia sido explorado em recursos gráficos em outros meios, como o impresso, sendo um elemento novo a ser analisado para os estudos desses recursos na TV, principalmente, porque a tonalidade em televisão também pode ser considerada um mecanismo expressivo e de direcionamento.

Todas essas marcas elucidadas até o momento derivam tanto da constituição da TV brasileira quanto da composição dos telejornais. Fazem parte de sua linguagem e se manifestam em todos os recursos que foram observados, construindo-se como marcas de composição e estruturação desses produtos.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

No telejornalismo o grafismo televisual pode ser utilizado, principalmente, quando não é possível capturar pela lente da câmera imagens de acontecimentos para acompanhar o texto da narrativa telejornalística. Nestas situações, costuma ser necessário recorrer a elementos visuais diferenciados e à produção de imagens que podem ser geradas a partir de computação gráfica, fotografias, entre outros recursos visuais como gráficos, mapas, infografias e etc. Embora geradas por computação, acredita-se que suas manifestações não se dão pelo domínio exclusivo da técnica, e sim por seguirem um caminho evolucionar e histórico natural; são frutos de aspectos socioculturais e funcionais que circulam a contemporaneidade. De outra forma, sua utilização é necessária também, quando a informação que se deseja transmitir precisa ser enfocada de ângulos particulares e específicos, diferentes, pois é preciso “se fazer ver” as informações ao telespectador no telejornalismo. Na TV a informação precisa ser mostrada, tudo é visual; a imagem tem uma aproximação com “o real” mostrado, visto e apresentado.

Essa necessidade é diretamente relacionada aos usos dessas práticas e estratégias gráficas televisuais e também para apresentar o conteúdo da forma mais atrativa, criar identidade, atrair a atenção da audiência e, possivelmente, constituir-se como um potencial informativo. A cultura jornalística como um todo se utiliza das imagens e principalmente as imagens produzidas por computador com grande relevância em suas produções. E, nesse caso, o uso de recursos gráficos no telejornalismo (grafismo televisual), não é uma forma de expressão recente, conforme demonstrado anteriormente, está presente desde a fase inicial da TV.

Essas evidências permitem pensar que, na medida em que vão se configurando novos recursos para a produção de conteúdo no telejornalismo, é preciso compreender suas formas de expressão, suas normas, aspectos em sua linguagem e estrutura, ou seja, o que poderia constituir-se como sua gramática. Contudo, essa gramática ainda não tem seus componentes totalmente definidos e delimitados, ou seja, solidificados em normas “rígidas”. O que há ainda é uma base de organização e produção desses recursos em pequenos grupos mais recorrentes, que permitiram propor o agrupamento em tipologias e a partir da evidência das marcas de constituição do telejornalismo é possível identificar essas tendências dentro da linguagem e estrutura desses recursos informativos específicos no **Jornal Nacional**.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA JÚNIOR, Alberto Lucena. **Arte da Animação**. Técnica, estética através da história. - 2ª Edição - São Paulo: Ed. SENAC SP, 2005.

BECKER, Beatriz. **A Linguagem do telejornal**: Um estudo da cobertura dos 500 Anos do Descobrimento do Brasil. Rio de Janeiro. E-papers. Serviços Editoriais, 2005.

CABRAL, Águeda Miranda. Manipulação, simulação e infoimagem. In: PORCELLO, Flávio, VIZEU, Alfredo; COUTINHO, Iluska. **O Brasil (é) ditado**. Florianópolis: Insular, 2012.

DUARTE, Elisabeth Bastos; CASTRO, Maria Lilia Dias de. Comunicação **Audiovisual**: gêneros e formatos. Porto Alegre: Sulina, 2007.

FONTES, Ana Juliana Da Silva. Divulgação científica e o uso de infografias no telejornalismo brasileiro: algumas perspectivas iniciais. 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJOR. **Anais..** Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR – Novembro de 2012.

FONTES, Ana Juliana. Grafismo televisual no telejornalismo. In: XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul - INTERCOM SUL. **Anais...** Universidade de Santa Cruz do Sul, UNISC. S. Cruz do Sul, RS – Junho de 2013.

LEAL, Plínio Marcos Volponi. Um olhar histórico na formação e sedimentação da TV no Brasil. In: 7º Encontro Nacional de história da mídia. **Anais..** Unifor. Fortaleza, CE – Agosto de 2009.

LESTER, Martin. Visual journalism: past, present and future. IN: LESTER, Paul Martin; HARRIS, Christopher. **Visual Journalism**: a guide for new media professional. Boston: Allyn and Bacon, 2002.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 3º Ed. - São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2003.

PELTZER, Gonzalo. **Periodismo Iconográfico**. Madrid: Ediciones Rialp, 1991.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

TEIXEIRA, Tattiana. **Infografia e Jornalismo**: Conceito, análises e perspectivas; prefácio Luiz Iria. – Salvador: EDUFBA, 2010.

VIZEU, Alfredo (org). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.